



Revista de Administração e Contabilidade

Volume 6, número 2

Feira de Santana, maio/agosto 2014, p. 19 – 35

ISSN: 2177-8426

Proposta de Análise Financeira: Aplicação nas Empresas SA's do Ramo de Suprimentos e Ferramentas Industriais no Brasil

Proposal for Financial Analysis: Application in Enterprises SA's of Supplies and Power Tools branch in Brazil

Lucas Lasmar Pires¹

Graciela Dias Coelho Jones²

Vidigal Fernandes Martins³

RESUMO

O objetivo desse estudo foi identificar a possibilidade da criação de um *benchmark* referente a índices financeiros para o auxílio das empresas de pequeno porte no ramo de suprimentos e ferramentas industriais, por meio do emprego dos índices financeiros da empresa de maior destaque no cenário nacional no setor de comércio de suprimentos e ferramentas industriais para auxiliar a administração das empresas nacionais de pequeno porte do mesmo setor no Brasil. Para isso, manteve-se o foco na Ferramentas Gerais Comércio e Importação S.A. (FG), empresa com maior faturamento do Brasil nesse setor. A pesquisa desenvolveu-se pelo raciocínio indutivo e é caracterizada como descritiva, qualitativa e documental. A amostra é composta de duas empresas, a FG, analisada em um período de três anos, e a Cofermeta S.A., analisada por um período de dois anos. Como resultado, obteve-se que não foi possível estabelecer um *benchmarking* dos índices financeiros obtidos pelas Ferramentas Gerais às outras empresas. Apesar das limitações no levantamento da amostra, foi possível concluir que não é adequada a utilização dos índices financeiros encontrados pela empresa de maior destaque no ramo estudado como parâmetro para empresas de pequeno porte.

Palavras-chave: *Benchmarking*. Índices Financeiros. Empresas de Ferramentas.

ABSTRACT

The aim of this study was to identify the possibility of creating a benchmark regarding financial ratios for the aid of small businesses in the field of industrial supplies and tools , through the use of financial ratios of the company's most prominent on the national scene in

¹ Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Uberlândia

² Mestre Profissional em Gestão e Estratégia em Negócios pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil(2003). Professor Assistente da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Doutorando em Administração pela EAESP/FGV. Mestre em Engenharia de Produção pela UFSC. Professor Adjunto da Universidade Federal de Uberlândia.

the sector trade of industrial supplies and tools to assist management of national small businesses in the same industry in Brazil . For this, the focus remained on the Ferramentas Gerais Comércio e Importação S.A. (FG) , a company with higher sales in Brazil in this sector . The survey was developed by inductive reasoning and is characterized as descriptive , qualitative and documentary . The sample consists of two companies , FG , analyzed over a period of three years , and Cofermeta S.A. , analyzed for a period of two years. As a result , it was found that it was not possible to establish a benchmarking financial ratios obtained by Ferramentas Gerais at other companies. Despite the limitations in the survey sample we conclude that it is not appropriate to use financial ratios found for the most outstanding company in the branch studied as a parameter for small businesses.

Keywords : Benchmarking . Financial Ratios. Companies Tools.

1 INTRODUÇÃO

Para Melo, Silva e Carpinetti (2000), nas condições atuais de competição, é notória a busca pela melhoria contínua dos processos empresariais alinhados com as estratégias organizacionais. Dessa maneira, as organizações buscam condições para acompanhar as rápidas mudanças do mercado, identificando os fatores críticos de sucesso para o alcance dos objetivos organizacionais. De acordo com Carlini Junior e Vital (2004), uma das possibilidades de identificação desses fatores críticos é a análise do desempenho de uma empresa, de forma a compará-lo com empresas de destaque no mercado analisado. Essa técnica é chamada de *Benchmarking*.

Assim, este estudo pretende averiguar a possibilidade de se encontrar um “*benchmarking* de índices financeiros”, respondendo à seguinte questão de pesquisa: É possível identificar um *benchmarking* de índices financeiros no setor de comércio de suprimentos e ferramentas industriais para auxiliar a administração das empresas nacionais de pequeno porte do mesmo setor?

Nesse contexto, a presente pesquisa busca identificar a possibilidade da criação de um *benchmark* referente a índices financeiros para o auxílio das empresas de pequeno porte no ramo de suprimentos e ferramentas industriais, por meio do emprego dos índices financeiros da empresa de maior destaque no cenário nacional no setor de comércio de suprimentos e ferramentas industriais para auxiliar a administração das empresas nacionais de pequeno porte do mesmo setor. Para tanto foi realizado um estudo considerando-se as demonstrações financeiras do período de 2008, 2009 e 2010, buscando identificar se os índices conseguidos pela empresa estudada estariam adequados para serem adotados como *benchmarking* para as organizações de pequeno porte. Adicionalmente, visando uma análise com maior credibilidade, são calculados e analisados também os índices econômicos das empresas.

O trabalho utilizou os cálculos propostos por Marion (2006) em busca de estabelecer o *benchmark*, por meio das três etapas: planejamento, execução e implementação de melhorias, a fim de auxiliar a administração das empresas nacionais de pequeno porte.

Apesar dos benefícios alcançados pelo *benchmarking*, Yasin (2002) conclui sobre a falta de estudos científicos, em um dado momento, a respeito do tema. O autor revisou a

literatura publicada sobre *benchmarking* entre 1986 e 2002 e identificou 415 trabalhos que detalham a utilização dessa ferramenta. Desse total, o autor analisou 159 trabalhos, concluindo que a literatura a respeito do *benchmarking* evoluiu de um enfoque sobre processos e atividades para, mais recentemente, abranger, também, a estratégia e os sistemas organizacionais.

A atividade empresarial em questão tem uma importância significativa na economia brasileira, pois é um dos “pilares” que sustenta alguns setores em expansão no Brasil. O trabalho busca estudar uma aplicabilidade para o *benchmarking* que, como já mencionado, é pouco explorado em estudos científicos, mesmo sendo uma ferramenta difundida mundialmente (CARLINI JUNIOR ; VITAL, 2004).

Portanto, como contribuição prática, a pesquisa pode auxiliar empresas de pequeno porte a melhorar seus processos, práticas e resultados, visto que os ramos de atividades das empresas estudadas são muito promissores, pois atendem, diretamente, os ramos: da Construção Civil, o qual consiste, segundo a Receita Federal (2011), na construção, demolição, reforma e ampliação de edificação ou qualquer outra benfeitoria agregada ao solo ou ao subsolo; e da Indústria de Transformação, que compreende as atividades que envolvem transformação física, química e biológica de materiais, substâncias e componentes para obter produtos novos, segundo a Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE). Esses setores foram os que mais contribuíram para o desenvolvimento positivo da economia em 2010 (SEBRAE, 2011).

Pode-se notar um cenário promissor, para os próximos anos, devido a programas que movimentam a economia brasileira, como, por exemplo, o programa “Minha Casa Minha Vida” do governo federal em parceria com estados, municípios, empresas e movimentos sociais que pretende construir mais de 2 milhões de novas casas (CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, 2011). Ainda, podem-se notar eventos internacionais anunciados, como a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016 (INSTITUTO DE ENGENHARIA, 2012). Esses são fatos que propiciam um possível crescimento no setor de comércio de suprimentos e ferramentas industriais, sendo, assim, de grande valia a tentativa de verificar a possibilidade de se estabelecer um *benchmarking* dos índices financeiros sugeridos por Marion (2006) para empresas de pequeno porte que buscam melhorar seu desempenho operacional nesse mercado promissor dos dias atuais.

O presente trabalho está estruturado em cinco tópicos. O primeiro tópico apresenta uma visão geral do trabalho e remete aos objetivos e à relevância do estudo. No segundo tópico, é apresentado um esboço mais específico sobre cada assunto necessário para a compreensão da pesquisa, sendo assim apresentadas definições e diferentes abordagens, segundo autores consultados, de forma que, com a metodologia explicada no terceiro tópico, seja possível embasar a compreensão do quarto tópico, no qual serão apresentados os resultados encontrados com suas devidas análises. Assim, o trabalho conclui-se na quinta etapa, quando são apresentados os resultados finais e uma sugestão para pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BENCHMARKING

Estudos como os de Macedo, Steffanello e Oliveira (2007) e de Souza, Macedo e Almeida (2007) constataram que o emprego de indicadores nas empresas proporciona informações úteis para guiar as decisões organizacionais, na busca pela melhoria contínua, pois é possível chegar, por meio desses índices, em alguns níveis de eficiência que possibilitam decisões administrativas mais seguras. Assim também aponta os estudos de Fonseca (2009), em que ele ressalta a possibilidade do *benchmarking* ser utilizado como um instrumento de controle gerencial podendo ser relacionado ao planejamento estratégico da organização.

Para Fischmann e Almeida (1991, p.25), o planejamento estratégico consiste em uma técnica administrativa que permite, ao analisar o ambiente da organização, evidenciar as oportunidades e ameaças dos pontos fortes e fracos para o cumprimento de sua missão, estabelecendo o percurso que a empresa deverá seguir para aproveitar as oportunidades e evitar os riscos. A melhoria contínua é indispensável para que a organização mantenha-se competitiva. O sucesso desse processo depende do comprometimento de todo pessoal da organização em longo prazo.

Saber fazer e adaptar *benchmarking* no processo da organização pode permitir vislumbrar oportunidades e também ameaças competitivas, constituindo um atalho seguro para a excelência, com a utilização de todo um trabalho intelectual acumulado por outras organizações evitando erros e armadilhas de percurso (MARTINS; GARIBA JUNIOR, 2005, p. 131)

O *benchmarking* pode ser entendido como uma dessas ferramentas de melhoria contínua e levou as indústrias que buscaram as melhores práticas de mercado a um desempenho superior. (CAMP, 1989) O *benchmarking* é um processo contínuo e sistemático para avaliar produtos e processos de trabalho de organizações que são reconhecidas como representantes das melhores práticas, com a finalidade de melhoria organizacional (SPENDOLINI, 1992).

De acordo com Robbins (2000), o termo *Benchmarking* surgiu no final dos anos 1970, quando foram realizadas análises da lacuna existente entre a empresa Xerox e seus concorrentes. A partir de então, estudos foram realizados em algumas empresas com suas respectivas áreas consideradas como “as mais diferenciadas”, por exemplo, a Toyota e Kromatsu, nas operações industriais, e a American Express, no setor de faturamento e cobrança. Desde então, a evolução trouxe vários modelos de *Benchmarking*, podendo esse ser considerado como uma poderosa ferramenta de gestão empresarial, mundialmente difundida e utilizada para transformar as organizações e introduzir as mudanças necessárias à melhoria de seus processos, práticas e resultados (CARLINI JUNIOR; VITAL, 2004).

Melo, Silva e Carpinetti (2000) mencionam que os critérios utilizados para a definição do *benchmarking* podem ser: a avaliação do desempenho da empresa em relação aos concorrentes; a importância dos clientes atuais, avaliação da importância de clientes potenciais; e a avaliação de dimensão competitiva prioritária.

Serão apresentadas, a seguir, três etapas para implementação do *Benchmarking*, conforme o estudo de Carlini Junior e Vital (2004), sendo elas: planejamento, execução e implementação de melhorias.

O processo do planejamento é o momento para: selecionar as questões a serem medidas e comparadas, identificando-se o retorno financeiro e a otimização no desempenho organizacional; determinar os fatores-chaves; e, por último, identificar as empresas que executam, com excelência de desempenho, as práticas que serão analisadas (CARLINI JUNIOR; VITAL, 2004). Boxwell (1996, p. 54) sustenta que “a fase do planejamento exige habilidade para se analisar as questões que se escolhe para encaminhar por meio do *benchmarking* e depois requer habilidades organizacionais para garantir que o estudo seja planejado para ser executado harmoniosamente e com sucesso”.

Já na etapa da execução, a empresa deverá analisar o desempenho das organizações selecionadas. Primeiro, deve-se observar a quantificação das variáveis analisadas, por meio de dados sólidos e confiáveis, para, em seguida, procurar compreendê-las, elegendo-as como modelo. Posteriormente, as empresas deverão evidenciar seus próprios desempenhos e compará-los com os da organização-alvo (CARLINI JUNIOR; VITAL, 2004). Segundo Balm (1995, p. 117), “A tarefa, agora, é reunir quaisquer informações necessárias a respeito da organização parceira escolhida, de modo que se possam comparar o nível de suas realizações ao que se possui”.

Depois de realizada a etapa de execução, o processo deverá ser concluído, executando-se a última fase, que é a implementação de melhorias. Nessa fase, vale ressaltar a importância do apoio dos administradores, pois todo o processo será considerado um fracasso caso não se concretize a prática na empresa. Nessa etapa, a organização deverá desenvolver um plano, visando atingir ou ultrapassar aquelas empresas que possuem as melhores práticas (CARLINI JUNIOR; VITAL, 2004).

Paralelamente ao *benchmarking*, a análise dos indicadores pode ser alinhada à estratégia empresarial, possibilitando, assim, a percepção ou identificação do que deve ser aprimorado para o gradual sucesso da organização. De acordo com Frezatti (2006), a análise financeira é necessária quando as organizações necessitam definir a real situação do negócio a fim de assegurar uma estratégia realística.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE FINANCEIRA

Para Assaf Neto (2002), decisões financeiras podem ser resumidas como uma realização de escolhas de financiamentos e as destinações de investimentos. Essas decisões são tomadas por todas as organizações de forma contínua e são importantes, pois garantem a estabilidade financeira e atratividade econômica da empresa. Rogers et al. (2006) acrescentam que é possível chegar, por meio da análise financeira, até mesmo a condições futuras inerentes às empresas, servindo essa análise para nortear o bom desempenho da organização. Assaf Neto (2002) ainda menciona que, em suma, todo financiamento apresenta um custo pela utilização de tais recursos, e que o resultado proveniente desses capitais, que é o lucro operacional, deve satisfazer as expectativas de retorno de maneira a viabilizar, economicamente, o empreendimento.

Martins, Diniz e Miranda (2012) mencionam que o mérito de se analisar as demonstrações, resumidamente, é identificar se a empresa é rentável ou não, e se ela apresenta liquidez, ou seja, capacidade de honrar as obrigações. Matarazzo (2010) sustenta que a análise de balanços patrimonial permite extrair informações para o auxílio na tomada

de decisão. Os índices consistem na técnica de análise mais empregada, pois apresentam, como característica fundamental, fornecer uma visão ampla da situação vivenciada pela empresa.

Hoji (2004, p. 280) afirma que “a técnica de análise por meio de índices consiste em relacionar contas e grupos de contas para extrair conclusões sobre tendências e situações econômicas e financeiras da empresa”. Roza (2001) defende que existe uma estrutura de capital ideal para cada empresa, e essa estrutura deve perseguir o ponto limite em que os benefícios dos impostos superam os custos advindos dos empréstimos tomados. Segundo Marion (2006), para começar a entender a situação financeira da empresa, faz-se necessário conhecer dois pontos fundamentais de análise: os índices de Liquidez e os de Endividamento.

Para Marion (2006), os índices de liquidez indicam a capacidade de pagamento da empresa, podendo essa capacidade ser dividida em curto prazo, longo prazo ou prazo intermediário. Martins, Diniz e Miranda (2012) complementam que, de modo geral, quanto maior for o índice de liquidez, melhor será a situação financeira da empresa, porém, não necessariamente, será a melhor situação econômica, pois pode representar, por exemplo, ociosidade de recursos. Entretanto, índices muito baixos, geralmente, são motivos de alerta para as organizações. Os indicadores de liquidez são, segundo Marion (2006): Liquidez Geral (ILG), Liquidez Corrente (ILC), Liquidez Seca (ILS) e Liquidez Imediata (ILI).

Quanto aos Índices de Liquidez, Marion (2006) menciona algumas informações para uma boa análise: não considerar qualquer indicador isoladamente (associar os índices entre si); apreciar o indicador em uma série de anos (pelo menos três); comparar os índices encontrados com índices-padrão, ou seja, índices das empresas concorrentes (mesmo ramo de atividade).

Já os índices de endividamento, de acordo com Marion (2006), auxiliam nas decisões financeiras em termos de obtenção e aplicação de recursos, sendo possível evidenciar a “qualidade” e “quantidade” de dívida para uma determinada situação por meio dos seguintes índices: Participação de Capitais de Terceiros sobre Recursos Totais, a Garantia do Capital Próprio ao Capital de Terceiro e a Composição de Endividamento.

As atividades das empresas, relacionadas ao seu ambiente competitivo e estágio do negócio, devem ser financiadas com os recursos que dispõe, fazendo-se necessário a análise de estrutura de capital. Assim, as empresas necessitam de manter programas de investimentos para desenvolver vantagens competitivas para concorrer nos mercados em que atuam e/ou novos mercados (DALMONECH et al., 2012).

Assim, é relevante ressaltar que, segundo Martins, Diniz e Miranda (2012), “análise de balanços é uma mistura de técnica, de arte, de bom senso, de precaução, tudo isso aliado a conhecimentos de contabilidade e do negócio que está sendo analisado”. Para Matarazzo (2010), “o importante não é o cálculo de grande número de índices, mas de um conjunto de índices que permita conhecer a situação da empresa, segundo o grau de profundidade desejada da análise”.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE ANÁLISE ECONÔMICA

Para Matarazzo (2010), deve-se realizar, inicialmente, a análise da situação financeira, separadamente, do estudo sobre a situação econômica da empresa. Porém, após as duas análises, deve-se juntá-las às conclusões para observar o êxito econômico da empresa com sua respectiva situação financeira. Para melhor compreensão, Rogers et al. (2006) pondera que os índices de liquidez e endividamento medem o risco, e os índices de rentabilidade, o retorno.

São quatro os índices de rentabilidade, considerados importantes por Matarazzo (2010), e também, de forma mais crítica, por Martins, Diniz e Miranda (2012), sendo eles: Giro do Ativo (GA), Margem Líquida (ML), Rentabilidade do Ativo (TRI) e Rentabilidade do Patrimônio Líquido (RSPL).

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se por utilizar o raciocínio indutivo, pois, de acordo com Lakatos e Marconi (2001), esse tipo de raciocínio objetiva levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que aquele das premissas nas quais se basearam. Neste estudo, buscou-se verificar a possibilidade da aplicabilidade do *benchmarking* em uma empresa de destaque no cenário nacional, por ser a de maior faturamento na atividade pesquisada, procurando encontrar uma solução financeira para as empresas de menor porte do mesmo segmento.

Quanto aos objetivos, adotou-se um estudo descritivo, visto que a problemática abordada envolve a relação entre variáveis financeiras e econômicas. De acordo com Andrade (2004), esse tipo de estudo permite que o pesquisador apresente uma descrição de uma determinada população ou fenômeno, sem sua interferência, ou, ainda, o estabelecimento de relações entre variáveis.

Em relação à abordagem do problema, foi realizado um estudo qualitativo. Beuren (2004) afirma que essa proposta de abordagem caracteriza-se pela ausência de instrumentos estatísticos na análise do problema. A pesquisa qualitativa é evidenciada pela busca dos reflexos dos índices financeiros, encontrados por meio dos dados extraídos das demonstrações contábeis obtidas através das publicações das empresas.

Já quanto às técnicas de pesquisa, este estudo é classificado como documental que, de acordo com Lakatos e Marconi (2001), implica no levantamento de dados. No caso deste estudo, os dados são fundamentados por documentos extraídos de demonstrações contábeis, mais especificamente, os balanços sociais e demonstrações do resultado do exercício, e que ainda não tiveram tratamento analítico.

O objetivo geral deste estudo é identificar se é possível aplicar os índices propostos por Marion (2006) na maior companhia brasileira no mercado de suprimentos e ferramentas industriais destinados à Manutenção, Reparo e Operação (MRO) do Brasil, a fim de encontrar um *benchmarking* e, assim, aplicá-lo em empresas de menor porte. Para isso, foram coletados dados contábeis suficientes para realizar a análise em questão, sendo esses dados extraídos de demonstrações contábeis que estão devidamente alinhadas às novas normas internacionais.

A amostra é composta pela empresa Ferramentas Gerais Comércio e Importação S.A. que, em 2007, foi apontada como a segunda melhor empresa de varejo no Brasil, conforme

o Guia Melhores e Maiores da Revista Exame. Essa empresa foi fundada em 1957, na cidade de Porto Alegre (RS), e obteve, em 2010, o faturamento de 429.471 milhões de reais, com doze unidades espalhadas pelas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil, mantendo três grandes centros de distribuição localizados no Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

Como sugerido por Matarazzo (2010), a análise de balanços por meio de índices adquire consistência e objetividade quando são comparados com índices padrões. Buscando maior respaldo da amostra, averiguou-se a possibilidade de identificar indicadores por segmento nas seguintes bases de pesquisa: Associação Comercial de Minas Gerais, FIESP, Serasa, Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Estado de Minas Gerais (FEDERAMINAS), na Economática e no Instituto Assaf. Contudo, não foram identificados em nenhuma das bases os indicadores setoriais adequados, que eram, a princípio, o parâmetro desejável para esta pesquisa, que implicaria na comparação dos indicadores da maior empresa do Brasil com aqueles do setor. Para tanto, realizou-se uma pesquisa na Bovespa, em busca de empresas que possibilitassem uma comparação. No entanto, não foram localizadas empresas de capital aberto no segmento de negócio analisado.

Assim, buscou-se identificar empresas de sociedade anônima de capital fechado em Minas Gerais, por meio de uma pesquisa na Junta Comercial, por terem suas demonstrações publicadas e auditadas. Essa pesquisa fez-se possível por terem sido selecionadas empresas através do Código Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) e Tipo Jurídico, nesse caso, Sociedade Anônima. Os resultados encontrados apresentaram muitas empresas com características diferentes do ramo de atividade da organização analisada (comércio de suprimentos e ferramentas industriais destinados à Manutenção, Reparo e Operação). Após a filtragem, foram selecionadas sete empresas que estariam adequadas às necessidades da pesquisa, dentre as quais obteve-se acesso às demonstrações contábeis de apenas 1 empresa, a Cofermeta S.A.

A Cofermeta S.A., empresa fundada em 1948, em Belo Horizonte (MG), conta com quatro unidades em Minas Gerais, tendo apresentado faturamento de R\$ 126.803 milhões, em 2010. A Ferramentas Gerais Comércio e Importação S.A. possui abrangência nacional e, com o intuito de uma melhor análise, desenvolveu-se um comparativo dos índices dessas duas empresas.

Seria pretensão expor que foram esgotadas todas as possibilidades e fontes de pesquisas existentes, porém, ressalta-se ter sido consultada uma quantidade considerável de bases de dados usuais. Inclusive, esse fato caracteriza a importância deste trabalho acadêmico, por evidenciar a dificuldade de encontrar informações no setor estudado (Comércio de suprimentos e ferramentas industriais destinados à Manutenção, Reparo e Operação) como base para tomada de decisões de empresários nesse ramo de atividade.

Para o cálculo dos índices financeiros propostos por Marion (2006), juntamente com os índices de rentabilidade propostos por Martins, Diniz e Miranda (2012), faz-se necessário ter o balanço patrimonial consolidado das organizações. As empresas em questão possuem o capital fechado, porém, por serem caracterizadas como sociedade anônima, tiveram suas demonstrações publicadas em veículos de grande circulação.

Foram selecionados os períodos de 2008, 2009 e 2010, para a principal empresa pesquisada, que é a Ferramentas Gerais e, para a Cofermeta foram obtidos para análise os períodos de 2009 e 2010. As informações foram publicadas, no caso da Ferramentas Gerais

Comércio e Importação S.A., no Diário Oficial do Comércio de Porto Alegre, na data de 24 de Junho de 2011, e os da empresa Cofermeta S.A., no jornal Hoje em Dia de Belo Horizonte, publicado na data de 27 de Abril de 2011.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente, o estudo considerou a etapa do *benchmarking* conhecida por Planejamento, que “exige habilidade para se analisar as questões que se escolhe para encaminhar por meio do benchmarking e depois requer habilidades organizacionais para garantir que o estudo seja planejado para ser executado harmoniosamente e com sucesso” (BOXWELL, 1996, p. 54).

Foram calculados e comparados os índices da Ferramentas Gerais Comércio e Importação S.A., a fim de averiguar se a mesma possui os parâmetros ideais a serem adotados por outras organizações, para, posteriormente, prosseguir com as outras etapas. Para isso, os cálculos foram realizados com base no balanço patrimonial dos exercícios sociais de 2008, 2009 e 2010, a fim de obter os índices disponibilizados pela organização Ferramentas Gerais Comércio e Importação S.A. (FG). Em seguida, apresenta-se a análise dos índices separada em dois grupos: liquidez e endividamento.

A seguir, é apresentada a Tabela 1 contendo os índices de liquidez abordados por Marion (2006) que, segundo Martins, Diniz e Miranda (2012), representam a capacidade de a empresa cumprir com os compromissos junto a todos que os provêm.

Tabela 1 – Indicadores de Liquidez na FG

ÍNDICES DE LIQUIDEZ			
F.G.	ILC	ILS	ILG
2008	2,94	1,80	3,05
2009	2,15	0,81	2,06
2010	1,62	0,65	1,69

Fonte: dados da pesquisa

Ao analisar apenas os valores encontrados pelos índices de liquidez, é observado que as Ferramentas Gerais encontram-se em um patamar razoável, apesar dos sucessivos arrochos nos indicadores de liquidez ocorridos até 2010. Rogers et al. (2006) sustentam que os índices de liquidez possibilitam averiguar a capacidade de pagamento da empresa. O aumento considerável da conta de empréstimos bancários no passivo circulante, que ao final de 2010 representava aproximadamente 49% do passivo exigível total, foi o fator relevante que conduziu a empresa a uma situação mais preocupante.

Porém, como mencionado por Martins, Diniz e Miranda (2012), quanto à análise da composição do Capital Circulante Líquido, a necessidade de capital de giro e como esse está sendo financiado são fundamentos importantes para a definição se haverá possibilidades de retirar das Ferramentas Gerais índices de liquidez a serem seguidos por outras empresas.

A retração dos indicadores pode ser notada, por exemplo, nos exercícios de 2009 e 2010, quando é possível observar que a empresa não mais consegue saldar suas dívidas de curto prazo sem a conta de Estoques, um item que não representa liquidez imediata. Tal fato

indica, para Matarazzo (2010), a baixa capacidade de curto prazo para liquidação de pagamento da empresa mediante as contas do disponível e valores a receber. Afinal, ao longo de três anos, o passivo circulante teve um crescimento superior a 100%.

Apesar de não terem sido informados, nas demonstrações contábeis, os prazos médios de pagamentos e recebimentos praticados pelas Ferramentas Gerais, é notória a situação, a princípio, preocupante, do último exercício social analisado neste estudo, pois a soma das contas Disponíveis e Duplicatas a Receber é consideravelmente inferior ao somatório dos saldos de Empréstimos Bancários e Fornecedores, já que essas duas contas do passivo circulante correspondem a mais de 50% maior que o grupo dos dois ativos de maior liquidez da organização, Disponível e Duplicatas a Receber. A partir daí, levanta-se um sério questionamento sobre a possibilidade do capital circulante líquido da Ferramentas Gerais ser suficiente para arcar com todos os seus compromissos operacionais em curto prazo.

O índice de liquidez geral, que mede a saúde financeira da empresa em longo prazo, apesar da falta de temporalidade, pode ter uma análise enriquecida quando é comparado por, pelo menos, três exercícios sociais em conjunto com os outros índices de liquidez (MARION, 2006). Assim, ao analisar os indicadores calculados, é observado um indício da perda paulatina na capacidade de pagamento no longo prazo da empresa, situação também observada nos índices de curto prazo, devido, consideravelmente, à mesma conta: Empréstimos e Financiamentos do grupo Passivo Circulante.

Assim observa-se, *a priori*, que os indicadores de liquidez da Ferramentas Gerais são pouco recomendados para serem utilizados como parâmetros pelas empresas de menor porte, apesar do índice de liquidez seca baixo ser comum nesse tipo de atividade que mantém um grande valor na conta Estoques. Os resultados alcançados pela organização fizeram com que ela esteja posicionada em uma situação vulnerável, considerando os resultados obtidos no último exercício analisado e pela falta de consistência dos índices ao longo dos períodos estudados, apesar de não ser o objetivo deste trabalho a conclusão de que os índices de liquidez conseguidos pela Ferramentas Gerais, nesses períodos, sejam ruins, e, sim, que uma empresa de pequeno porte talvez não tenha uma estrutura patrimonial suficiente para suportar tal situação.

A seguir, é apresentada a Tabela 2, que traz os índices de endividamento mencionados por Marion (2006), os quais retratam a quantidade e qualidade das dívidas contraídas por uma empresa, em um dado momento.

Tabela 2 – Indicadores de Endividamento na FG

ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO			
EMPRESAS	IPCP/CT	IPCT/RT	ICE
2008	2,36	29,77	98,06
2009	1,23	44,91	85,38
2010	0,81	55,39	89,64

Fonte: Dados da pesquisa

Quanto a essa etapa do planejamento, Matarazzo (2010) afirma que “os índices desse grupo mostram as grandes linhas de decisões financeiras, em termos de obtenção e aplicação de recursos”.

Ao analisar o indicador ICE, observa-se uma situação delicada quando se trata dos índices de endividamento, uma vez que a maior empresa do setor no Brasil apresenta índices preocupantes pela “qualidade” da dívida. Afinal, pode ser observada, nos anos analisados, uma alta concentração das dívidas no curto prazo.

Para melhor análise em 2010, dos 223 milhões de capital adquiridos de terceiro, aproximadamente, 200 milhões são de curto prazo, recursos esses caracterizados por serem, geralmente, mais dispendioso; nesse mesmo exercício, a empresa apresentou o menor índice liquidez no período. Quando é analisada a qualidade da dívida, Marion (2006) destaca que, ao concentrar as dívidas no passivo circulante, a empresa poderá ter dificuldades em momentos de reversão no mercado. Em crise, a empresa seria forçada a vender seus estoques a “qualquer custo” ou assumir novas dívidas em curto prazo com custos elevados, e, tal situação não ocorreria caso as dívidas estivessem concentradas no longo prazo. Diante disso, observa-se que, nos três anos, o índice ICE demonstra uma elevada quantidade de capital vencendo em curto prazo.

Ao analisar o aspecto quantidade, Marion (2006) ressalta que a participação exagerada de capital de terceiro torna a empresa vulnerável a intempéries e a uma situação desfavorável para conseguir recursos juntos às instituições financeiras. Com a situação verificada, torna-se simples a compreensão da veracidade da citação acima, quando é analisado o crescente risco financeiro para índices cada vez menores, nesses períodos na FG, visto que, em 2008, a cada 1,00 de capital de terceiro, a empresa possuía 2,36 de capital próprio como garantia; e, em 2010, para cada 1,00 de capital de terceiro, existia 0,81 de recursos próprios, indicando, assim uma situação de incertezas às situações adversas.

Observa-se uma alavancagem do IPCT/RT de 29,77%, conseguido no primeiro exercício, para 55,39% no terceiro ano analisado; então, há uma tendência ao crescimento de recursos conseguidos de terceiros para financiar o ativo da empresa. Contudo, a empresa ainda não está excessivamente dependente de capitais de terceiros, se comparado com o índice divulgado pelo Instituto Assaf, quando, em 2010, foi evidenciado um índice geral de 70,9% de ativos das empresas brasileiras sendo financiadas por recursos de terceiros.

O estudo de Silva e Valle (2008 apud MACHADO, ALMEIDA e SCARPIN 2011) analisou os endividamentos totais de empresas brasileiras e americanas entre 1999 a 2003, evidenciando que empresas de grande porte tendem a serem mais endividadas no total. Então, apesar da crescente evolução dos índices IPCT/RT nos anos analisados, foi possível observar índices razoáveis e oscilantes, quando se averigua parâmetros que evidenciam a quantidade da dívida, porém, quando evidenciado o ICE, foi observada pouca qualidade, pois as obrigações estão concentradas no passivo circulante, portanto, irão vencer rapidamente.

Para melhor eficiência do estudo, foram apresentados também os resultados de outra empresa, com abrangência estadual, do mesmo setor de atuação, denominada Cofermeta, e comparados com os resultados da FG, conforme Tabela 3. Como aborda Marion (2006), para a análise de índices, é aconselhável a comparação de outras empresas, com o intuito de verificar se o índice pode ser considerado ótimo. Para isso, selecionou-se uma empresa em Minas Gerais, do mesmo ramo de atividade, a fim de averiguar se os índices financeiros e de endividamento das Ferramentas Gerais podem ser considerados ideais. É fundamental salientar a importância apontada pelo estudo de Rogers et al. (2006)

quanto à necessidade da padronização das informações contábeis para a análise de índices econômicos e financeiros, a fim de comparações e estudos.

Para melhor análise dos indicadores em questão e comparação dos resultados, as empresas foram dispostas de acordo com seu faturamento (TABELA 3), sendo a FG de maior faturamento e a Cofermeta, a de menor faturamento, ambas de acordo com as normas da *International Financial Reporting Standards* (IFRS).

Tabela 3 – Comparativo dos Indicadores Financeiros

TABELA COMPARATIVA EM 2009							
EMPRESAS	ÍNDICES DE LIQUIDEZ				ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO		
	ILC	ILS	ILG	ILI	IPCP/CT	IPCT/RT	ICE
FG	2,15	0,81	2,06	2,15	1,23	44,91	85,38
COFERMETA	3,81	1,59	4,40	3,81	4,30	18,88	77,44

TABELA COMPARATIVA EM 2010							
EMPRESAS	ÍNDICES DE LIQUIDEZ				ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO		
	ILC	ILS	ILG	ILI	IPCP/CT	IPCT/RT	ICE
FG	1,62	0,65	1,69	1,62	0,81	55,39	89,64
COFERMETA	3,45	1,58	3,49	3,45	3,39	22,80	78,11

Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisar os dados da Tabela 3, de modo geral, verifica-se que o comportamento dos índices foi semelhante, pois ambas as empresas tiveram os índices de liquidez diminuídos de 2009 para 2010 e os de endividamento, aumentados. Então, com base nas considerações de Marion (2006), houve uma diminuição no poder de pagamento das empresas e, ao mesmo tempo, um crescimento do endividamento das mesmas. De fato, o ideal seria que fossem analisados mais exercícios para uma melhor compreensão do comportamento dos índices, porém, não foi possível o acesso às publicações das empresas nos demais anos.

Observados os índices das duas empresas, é possível apontar que, dos seis índices analisados, a Ferramentas Gerais apresenta todos esses em posição de maior risco (ILC, ILS, ICE, ILG, IPCP/CT e IPCT/RT). Assim, a Cofermeta, empresa de menor faturamento, apresentou índices financeiros e endividamento mais consistentes, ou seja, uma estrutura de capital mais sólida, que permite às pequenas empresas maior segurança ao dinamismo vivenciado cotidianamente.

Para melhor verificação da situação vivenciada pela FG, é apresentada, na Tabela 4, a seguir, um comparativo no âmbito econômico das empresas.

Tabela 4 – Comparativo do Indicador de Rentabilidade em 2009

COMPARATIVO EM 2009				
EMPRESAS	ÍNDICES DE RENTABILIDADE			
	GA	ML	TRI	RSPL
FG	0,94	-0,12	-0,11	-0,20
COFERMETA	1,63	0,06	0,10	0,12

Fonte: Dados da pesquisa

Para Assaf Neto (2002), o Giro do Ativo (GA) demonstra o número de vezes que o ativo girou em função das vendas realizadas em um determinado período. Dessa forma, pode-se observar, de acordo com a Tabela 5, que a empresa Cofermeta apresentou um maior volume de vendas, quando comparado com o montante de investimentos feitos pelas empresas nos dois anos analisados, portanto, essa empresa possuiu um melhor desempenho comercial.

Tabela 5 – Comparativo do Indicador de Rentabilidade em 2010

COMPARATIVO EM 2010				
ÍNDICES DE RENTABILIDADE				
EMPRESAS	GA	ML	TRI	RSPL
FG	1,07	-0,07	-0,07	-0,16
COFERMETA	1,87	0,09	0,16	0,21

Fonte: Dados da pesquisa

A Margem Líquida da FG foi negativa no ano de 2009 e 2010, indicando, conforme Matarazzo (2010), que as vendas da empresa não estão suprindo seus custos, tendo, assim, como possibilidades para a ampliação da rentabilidade do ativo, o aumento no volume de vendas ou uma ampliação na margem de lucro dos produtos.

A TRI, como abordam Martins, Diniz e Miranda (2012), é um índice de baixa relevância na análise por indicadores, porém, segundo Matarazzo (2010), essa taxa propõe medir a capacidade da empresa em gerar lucro líquido e, assim, poder capitalizar-se. De qualquer forma, devido aos resultados negativos enfrentados pela FG, é possível verificar um resultado também com baixa expressão, quando comparado com a Cofermeta.

Para Matarazzo (2010), o intuito do RSPL é mostrar a taxa de retorno sobre o capital próprio de modo a compará-lo com a rentabilidade de outras formas de investimentos, possibilitando medir a atratividade do negócio. Assim, quando observada a Rentabilidade sobre Patrimônio Líquido (RSPL), o mais utilizado por estudiosos, segundo Martins, Diniz e Miranda (2012), pode-se advertir que o menor índice de rentabilidade é o da empresa Ferramentas Gerais, ao ponto de serem evidenciados índices negativos que demonstram ter a empresa operado no prejuízo, nos exercícios analisados.

Os cálculos, a princípio, apontaram que não seria possível eleger a Ferramentas Gerais como uma empresa com a saúde financeira exemplar ao ponto de haver a possibilidade de indicar seus índices financeiros serem seguidos por outras empresas. Essa situação ficou comprovada nas comparações realizadas dos índices financeiros e econômicos com outra organização.

Com isso, apesar do patamar de destaque em que se encontra a FG, não será possível continuar com as demais etapas, que seria execução e implementação de melhorias. Esse exemplo realça a importância de seguir cada etapa com muita cautela, pois, caso os processos de uma empresa sejam selecionados equivocadamente, a empresa “exemplo” pode oferecer perdas, ao invés de melhorias contínuas.

É evidenciado, paralelamente ao estudo de Roza (2001), que existe uma estrutura de capital ideal para cada empresa, não obstante as dificuldades para determiná-la. Assim, conclui-se que não é judicioso apontar os índices encontrados pela empresa líder estudada como índices padrões, pois o porte da empresa pode permitir a ela trabalhar em situações

mais inseguras. A título de ilustração, citam-se grandes aquisições. Em 2005, a F.G. adquiriu a Rexel, uma das maiores empresas de material elétrico do Brasil, e a inauguração, em 2006, da maior loja de MRO da América Latina em São Paulo. Portanto, é observado que a relação de risco e retorno a que os gestores se submetem pode refletir nos índices financeiros, concluindo que os índices mais adequados à empresa acompanham a intenção de gestão dos administradores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, propôs-se a criação de um *benchmark* referente a índices financeiros para o auxílio das empresas de pequeno porte no ramo de suprimentos e ferramentas industriais. Para tanto, foram selecionadas como objeto de pesquisa a maior empresa brasileira no setor, Ferramentas Gerais Comércio e Importação S.A., e a Cofermeta S.A., sediada no estado de MG, para comprovar a autenticidade da eficiência dos índices.

O trabalho utilizou os índices propostos por Marion (2006), visando estabelecer o *benchmark* por meio das três etapas: planejamento, execução e implementação de melhorias, para auxiliar a administração das empresas nacionais de pequeno porte.

Após a realização e análise, verificou-se que os índices da FG, considerados pelo presente estudo, evidenciaram uma situação de risco crescente ao longo dos exercícios sociais analisados. Diante da elaboração e análise de um quadro comparativo dos índices financeiros e econômicos da FG e Cofermeta, conclui-se que os indicadores apresentados não podem ser considerados como *benchmarking* para o setor. Somados a isso, o Retorno sobre o Patrimônio Líquido demonstra resultados do exercício negativos para a empresa FG, e a conta de Empréstimos e Financiamentos no Passivo Circulante, em três anos analisados, contou com um crescimento de mais de 100%, conforme análise horizontal da empresa FG.

Foram pesquisadas as próprias notas explicativas da companhia Ferramentas Gerais, tendo sido detectado que constam as seguintes medidas, na tentativa da empresa retomar a lucratividade: programa de redução de custos fixos; redesenho dos processos de gestão de fornecedores e portfólio de produtos, visando à melhoria das margens e giro mais rápido dos itens; investimento em produtos de marca própria; melhoria nos sistemas de monitoramento do desempenho de suas lojas; e revisão da estratégia de marketing nas “praças” que apresentam vendas abaixo do potencial estimado de mercado.

Contudo, o estudo restringiu-se à etapa do planejamento em virtude do fato de que, sendo as empresas estudadas de poucas localidades do Brasil, os índices financeiros podem ser insuficientes para expressar a real necessidade das empresas. Foram consideradas neste estudo duas empresas e suas respectivas demonstrações publicadas apenas nos anos de 2009 e 2010 e foram analisadas apenas sociedades anônimas, por essas tornarem públicas suas demonstrações contábeis.

Assim, para pesquisas futuras, sugere-se a criação de um banco de dados para o setor de suprimentos e ferramentas industriais destinados à Manutenção, Reparo e Operação (MRO), que é um setor que ajuda a movimentar outros importantes setores da economia, como: a Construção Civil e a Indústria de Transformação, e a respeito do qual há dificuldades para selecionar informações financeiras e econômicas de modo a ampliar as análises.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**: noções práticas. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

ARZUBI, A.; BERBEL, J. Determinación de Índices de Eficiencia mediante DEA em explotaciones le cheras de Buenos Aires. **Invest. Agr. Prod. Sanid. Anim.**v. 17, n. 1-2, p.103-123, 2002.

ASSAF NETO, A. **Estrutura e Análise de Balanços**: um enfoque econômico-financeiro. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BALM, G.J. **Benchmarking**: um guia para o profissional tornar-se – e continuar sendo – o melhor dos melhores. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1995.

BEUREN, I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

BOXWELL, R. J. **Vantagem competitiva através do benchmarking**. São Paulo: Makron Books, 1996.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Minha casa minha vida**. Disponível em <<http://caixa.gov.br>>Acesso em: 11 dez.2011.

CAMP, R. C. Benchmarking: the search for the industry best practice that lead to superior performance. **Milwaukee: ASQC Quality Press**, 1989.

CARLINI JUNIOR, R. J.; VITAL, T.W. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**. São Paulo. v. 6, n.14, p. 60-66, 2004.

DALMONECH, L. F. et al. Estudo comparativo entre as empresas brasileiras e espanholas do segmento têxtil por meio da estrutura de capital e desempenho financeiro. In: CONGRESSO USP DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM CONTABILIDADE, 9, 2012. **Anais...** São Paulo, Junho de 2012.

FISCHMANN, A. A.; ALMEIDA, M. I. R. de. **Planejamento estratégico na prática**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

FREZATTI, F. O paradigma econômico na contabilidade gerencial: um estudo empírico sobre a associação entre taxas de retorno sobre o patrimônio líquido e diferentes perfis da contabilidade gerencial. **Revista de Administração**. São Paulo. v.41, n.1, jan./mar. 2006.

HOJI, M. **Administração Financeira**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

IE – Instituto de Engenharia. Disponível em: <<http://ie.org.br>>. Acesso em: 09 abr.2012.

LAKATOS, E. V.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MACEDO, M. A. S.; STEFFANELLO, M.; OLIVEIRA, C.A. Eficiência combinada dos fatos de produção: aplicação de análise envoltória de dados (DEA) à produção leiteira. **Custos e Agronegócios online**. Pernambuco. v.3, n.2, jul./dez. 2007.

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços: abordagem gerencial**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARION, J.C. **Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARTINS, A. A. M.; GARIBA JUNIOR, M. Um modelo de avaliação de cursos superiores de tecnologia baseado na ferramenta *benchmarking*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO EM ENGENHARIA - COBENGE, 34, 2006. **Anais...** Passo Fundo, Setembro de 2006. Disponível em: <http://www.dee.ufma.br/~fsouza/anais/arquivos/8_128_655.pdf>. Acesso em: 09 abril. 2012.

MARTINS, E.; DINIZ, J. A.; MIRANDA, G.J. **Análise Avançada das Demonstrações Contábeis: uma abordagem crítica**. São Paulo: Atlas, 2012.

MARTINS, M. M. C.; PROTIL, R. M.; DOLIVEIRA, S. L. Utilização do *benchmarking* na gestão estratégica das cooperativas agroindustriais paranaenses. **Revista de Contabilidade e Organizações**. São Paulo. v.4, n.10, p.127-151, set/dez. 2010.

MELO, A. M.; SILVA, W. T. S.; CARPINETTI, L. C. R. Utilização do *benchmarking* por empresas brasileiras. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção - ENEGEP, 20, 2000. **Anais...** São Paulo, 2000.

RECEITA FEDERAL. **Construção Civil**. Disponível em <<http://receita.fazenda.gov.br>>. Acesso em: 11 dez.2011.

ROBBINS, S. P. **Administração: mudanças e perspectivas**. São Paulo: Saraiva, 2000.

ROGERS, D. et al. Análise dos índices econômico-financeiros das demonstrações contábeis da Companhia Siderúrgica de Tubarão em diferentes normas (IFRS, US GAAP e BR GAAP). In: SEMEAD, 9, 2006. **Anais...** São Paulo: FEA/USP, 2006.1CD-ROM.

ROZO, J. D. Novos projetos: o que valoriza mais a empresa, recursos próprio ou de terceiros? Qual a proporção ótima? **Revista de Contabilidade e Finanças FIPECAFI**. São Paulo, v.16, 27, p.78-88, set/dez. 2001.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Empreendedorismo**. Disponível em: <<http://sebrae.com.br>>. Acesso em: 11 dez.2011.

SILVA, A. S.; FONSECA, A. C. P. D. Controle gerencial por meio do *Benchmarking*: o caso de uma organização de ciência e tecnologia da marinha do Brasil. **Revista Contabilidade Vista & Revista**. Minas Gerais, v.20, n.2, p.65-98, abr/jun. 2009.

SILVA, A. de F.; VALLE, M. R. do. Análise da Estrutura de Endividamento: um Estudo Comparativo entre Empresas Brasileiras e Americanas. **Revista de Administração contemporânea**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 201-229, Jan./Mar. 2008. apud MACHADO, D. G.; ALMEIDA, D. M.; SCARPIN, J. E. Endividamento e Lucratividade: um estudo em empresas familiares e não familiares que compõem o índice IBRX-100 da BM&FBOVESPA. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 11, 2011. **Anais...** São Paulo, Julho de 2012.

SOUZA, M.W.; MACEDO, M. A. S.; ALMEIDA, K. Análise da eficiência utilizando a metodologia DEA em organização militar de saúde: o caso da Odontoclínica Central do Exército. In: Congresso USP – FIPECAFI, 2007. **Anais...** São Paulo, 2007.

SPENDOLINI, M. J. **Benchmarking**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2003.

YASIN, M. M. The theory and practice of *benchmarking*: then and now. **Benchmarking: an international journal**, Bradford, v.9, n.3, p.217-243, 2002.